

EDITORIAL- Essa quarta edição do zine nasceu a partir de certas coincidências, ou sincronicidade, como diria o amigo Bruno Privatti, que certo dia me enviou o link com a matéria sobre a obra de Jô Oliveira. A primeira delas diz respeito a gênese do título que surgiu em 1999, quando se falava nas comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. A ideia era se contrapor ao caráter ufanista da efeméride, com HQs, de teor nacionalista/*indigenista*, extraídas de nossa coleção de revistas de quadrinhos. Publicamos 3 edições sempre em abril de cada ano, para marcar as duas datas do mês, a do Descobrimento e a do Dia do Índio.

Em 2018, reativei o zine, agora com a rubrica *Express Zine*, publicando em fevereiro o nº 01 com um dos quadrões que haviam sido publicados pela FOLHA DE S.PAULO, entre os anos de 90/91. O nº 01 trouxe a série *Nacional e Popular* e o nº 02, em abril do mesmo ano, a série *Grandes Personagens de Nossa História*. Em 2020, saiu o nº 03 pela primeira vez com material estrangeiro, justificado pela influência e alcance da série *Krazy Kat*, de Herriman, (Vide histórico na contracapa interna)

A obra de Jô Oliveira já estava separada há bom tempo, mas a coisa que me estimulou foi a reflexão que me veio a partir de um quadro da obra (sincronicidade?), aquele que, reduzido, ilustra o texto sobre o Sebastianismo (fls.22-23).

N.E.- Algumas coisas:

a HQ tal como aqui publicada foi extraída do jornal VERSUS (72), com aumento de 15p/c, o texto de apresentação foi tirado do blog do UOL, que foi impresso, recortado e remontado linha por linha, daí certas marcas.

DEDICATORIA- Ao Jô Oliveira, artista dessa edição e que, a exemplo de outro artista (músico) tema de nosso FATHERzine, primeiro teve seu talento reconhecido na Europa, para só depois ganhar destaque em sua terra natal: a todos os que amam quadrinhos, aos quadrinistas desse nosso país continental, muitos que sonham em ver suas obras publicadas, chegando ao grande público, editam fanzines, imprimem, distribuem as próprias custas e, as vezes, anos depois, desistem do título, mas não do sonho. Por fim, prestigiam a arte alternativa, independente, que não se vende a modismos.

Ao pioneiro Edson Rontani. A Alberto de Souza (Beralto), Edgar Franco, Gazy Andraus e Henrique Magalhães, nomes ligados a Instituições Universitárias, estudiosos e incansáveis batalhadores da HQB, ao Edgard Guimarães e Denilson Reis, editores de 2 dos mais longevos fanzines em atividade no país, "Q.I." e "Tché", respectivamente, ao fanzineiross atuais nas pessoas de Henry Jaepelt, Roger Beatjeus e Renato Lauris Jr e pessoal da U-Zinagem...esses os nomes que nos ocorrem agora, dentre os milhares de outros que se poderia citar, mas que representam todos os batalhadores do sonho que não morre nunca.

A todos que trabalham com Arte-Educação e lutam pela elevação do nível Cultural-Espiritual de nossa gente!! Ao Deus do Coração de Cada Um!!

Outra sincronicidade fortuite:
Edição finalizada em 11 de outubro
de 2023, Dia Nacional do Fanzine

Tiragem limitada de 20
exemplares em cópia xerox.

EXPEDIENTE - Editado por Valdir Ramos & Luiza N.T.Ramos

Contato: Caixa Postal 44 - Araraquara - SP. - Brasil

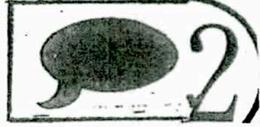
CEP-14801-970

Celular(zap): (16) 99737-4525 (whatsapp) - (16) 99749-2699

Email: luizaevaldir71@gmail.com / facebook: valdir.ramos.752



P.S.: Fanzine montado com o mais
avanzado programa do mercado:
xerox, tesoura, papel, cola e... paixão!



A saga nordestina de Jô Oliveira

PUBLICADO EM 4 | junho | 202011 | setembro | 2020 por Francisco Ucha

<https://quadrinhos.wordpress.com/2020/06/19/vida-morte-e-fe-no-seriao/>

Em 1976, a Editora Codecri, da turma do Pasquim, lançava no Brasil um álbum especial que reunia três histórias em quadrinhos de um certo desenhista pernambucano que acabara de retornar ao Brasil, depois de ter trabalhos publicados em importantes revistas da Europa. Seu nome era **Jô Oliveira** (<http://quadrinhos.wordpress.com/category/comics-quadrinhos/desenhistas/jo-oliveira/>) e o álbum se chamava *A Guerra do Reino Divino*, história em quadrinhos clássica que hoje em dia seria chamada de "graphic novel".

Na contra-capa da publicação, **Ziraldo** escreveu o seguinte editorial, apresentando o artista gráfico aos leitores:

"Conheci Jô de Oliveira em Lucca, na Itália, durante um congresso de história em quadrinho – o Lucca 9 – no ano de 1973. Estava lá aquela brasileirada toda: o **Maurício de Sousa**

(<https://planetamongo.wordpress.com/category/comics-quadrinhos-desenhistas/mauricio-de-sousa-desenhistas/>), o Márcio, **Jayme Cortez**

(<https://planetamongo.wordpress.com/category/comics-quadrinhos-desenhistas/jayme-cortez/>), **Álvaro Moya**

(<https://planetamongo.wordpress.com/category/comics-quadrinhos-desenhistas/alvaro-de-moya/>), mais o Miguel Paiva e eu. De repente, pinta no grupo dois moreninhos muito tímidos e, como brasileiro no

exterior – ai, meu Deus! – **vira tudo irmãozinho**, enturmaram logo. A certa altura, Márcio de Souza e eu falávamos sobre os dois, quando eu disse: "Aqueles dois paulistas do seu grupo..." e o Márcio discordou: "Espera aí. Eles não são nem paulistas nem do

nosso grupo. São **cariocas**" e do grupo de **vocês.**" Aí ninguém entendeu mais nada. Fomos esclarecer a questão e descobrimos que eles – com aqueles casacos estranhíssimos, aqueles bigodões e barba, aquela fala mansa e tímida – tinham acabado de chegar de Budapeste, na Hungria, depois de viver circo anos lá, sem sair, estudando artes plásticas. Naquela confusão de Lucca, estavam achando o "ocidente" um barato!



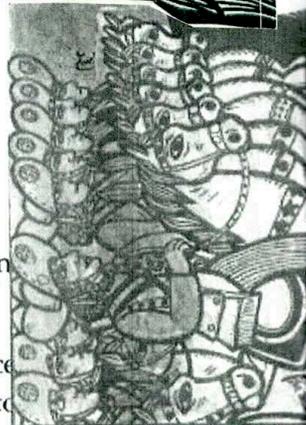
O congresso é uma agitação latina típica, parece uma festa brasileira, aquela bagunça que resulta simpática, mil transas, os dois – **Jô de Oliveira** (<https://planeta.mongo.wordpress.com/category/comics-quadrinhos-desenhistas/jo-oliveira/>) e Rui



de Oliveira – estavam zonzos. Já eram, naquela altura, artistas gráficos da melhor qualidade – o trabalho que estão realizando hoje no Brasil prova isso – mas, em matéria de histórias em quadrinho, os dois boiavam. Os portfólios que traziam com seus trabalhos deixava o pessoal de Lucca com água na boca. Eles já tinham plano de retornar ao Brasil, faltava um ano para terminar o curso em Budapeste.

Consultado, achei que podiam – e deviam – voltar, que tínhamos aqui um mercado de trabalho em ascensão, que o começo ia ser meio duro, mas que a qualidade do trabalho deles ia acabar se impondo. Eles voltaram de Lucca para a Hungria e nós para o Brasil. Menos de dois anos depois, olha eu abrindo a revista *Alter-Linus*, a mais importante publicação de história em quadrinhos da Europa, e dando de cara com dezesseis páginas do Jô, com capa dupla e tudo. Era *A Guerra do Reino Divino* não só publicada pelo *Linus*, como cantada em prosa e verso pelos “fumetólogos” italianos.

Jô e Rui – de Oliveira, sem serem irmãos – voltaram para o Brasil e já ocuparam seus lugares numa rapidez muito maior do que o melhor dos meus prognósticos. Reunidas neste álbum estão as três primeiras histórias em quadrinhos do Jô. Elas já foram publicadas no *Linus* e na revista *Crisis* de Buenos Aires e apareceram aqui nas páginas de *Versus* e *Balão*. Mesmo não sendo inéditas, achamos da maior importância lançar este álbum, reunir esse trabalho de Jô numa só publicação, pois acreditamos que ele merece o interessê e a reflexão do leitor brasileiro: é um documento que o *Pásquim*, por sua Editora Codecri, apresenta com a maior satisfação.”



Já que a história não é colorida, eu me atrevi a colocar cores nos desenhos do mestre Jô Oliveira
Foi um atrevimento e, ao mesmo tempo, uma diversão.

As fotos em preto-e-branco (*acima*) também foram publicadas na página do editorial e foram clicadas em Lucca, durante o Congresso de 1973. Jô Oliveira aparece na foto menor.

Na outra aparecem, da esquerda para a direita, Jô Oliveira, Jayme Cortez, Rui de Oliveira e Márcio de Souza (*agachado*).

Conheci o trabalho magnífico de Jô Oliveira quando comprei essa edição da revista *Alter-Linus*

(<http://quadrinhos.wordpress.com/2011/05/16/jo-oliveira-na-alterlinus/>)

citada por Ziraldo. Como mostra a imagem da capa acima, o desenho do artista tomava conta da capa em tom lilás e se estendia até a quarta capa. Quando a folhiei pela primeira vez, lembro que senti orgulho de ver o trabalho de um quadrinista nacional sendo publicado com grande destaque numa importante revista italiana mas, ao mesmo tempo, fiquei triste por ver uma história em quadrinho daquele nível ser publicado primeiro na Europa sem saber quando ela seria publicada no Brasil. Além disso, era estranho ver o Lampião "falando" italiano. :-). Felizmente, algum tempo depois a saga de *A Guerra do Reino Divino* chegaria às bancas no Brasil.

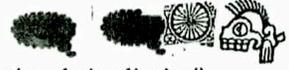
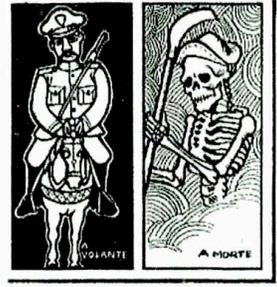
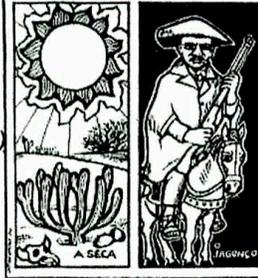
<https://planetamongo.wordpress.com/2020/06/04/a-saga-nordestina-de-jo-oliveira/>

* Diferente do que Ziraldo escreveu, Jô Oliveira não é carioca. Ele nasceu em Pernambuco, no município de Itamaracá, no dia 25 de março de 1944 e é graduado em Comunicação Social pela Escola Superior de Artes Industriais da Hungria.

(<http://planetamongo.wordpress.com/2008/02/04/a-saga-nordestina-de-jo-oliveira/>)

OS QUATRO CAVALEIROS DO APOCALIPSE

QUE NO NORDESTE TOMAM OS SEGUINTEZ ASPECTOS



(<https://quadrinhos.files.wordpress.com/2008/02/jooliveirav>)

O traço marcante e graficamente exuberante de **Jô Oliveira** colocou instantaneamente a trilogia de *A Guerra do Reino Divino* no patamar de grande clássico dos quadrinhos nacionais, desde que foi publicada pela primeira vez na prestigiada revista italiana *AlterLinus* #5, de maio de 1975. No Brasil, essas histórias foram reunidas num álbum lançado pela Editora Codecri um ano depois

O desenho do mestre Jô Oliveira tem inspiração nas gravuras da literatura de cordel

([http://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura de cordel](http://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura_de_cordel)),

típicas do Nordeste brasileiro e dão à obra um vigor visual que ainda hoje causa grande impacto. Numa época em que se lançam tantas edições especiais de luxo, muitas delas sem importância alguma, esta obra-prima deveria ser relançada com um tratamento gráfico mais refinado e adequado à sua grandeza histórica.



A GUERRA DO REINO DIVINO

PRÓLOGO

CORRE O ANO DE 1578. NA SUFOCANTE PLANURA DA ÁFRICA O REI DON SEBASTIÃO TRAVA UMA BATALHA SANGUINÁRIA CONTRA OS MOUROS. A HISTÓRIA É LEMBRADA COMO A BATALHA DE ALCÁCERQUIBIR



FOI DERRAMADO MUITO SANGUE. E AS CONSEQUÊNCIAS PARA PORTUGAL FORAM DESASTROSAS. TODOS OS SOLDADOS PORTUGUESES FORAM MORTOS NA LUTA. POREM HOUE ALGO DE MISTERIOSO: OCORPO DO REI DON SEBASTIÃO NÃO FOI ENCONTRADO E DA MENTE DO POVO NASCEU UMA ESTRANHA LENDA, A LENDA DE SEU RETORNO.



EXATAMENTE EM 1978,
TRÊS SÉCULOS DEPOIS
DA TERRÍVEL BATALHA,
UMA GRANDE MULTIDÃO
NO CERTÃO DO BRASIL
OUVE UMA VOZ QUE PRE-
GA O RETORNO DE DON
SEBASTIÃO. NÃO HA
QUEM NÃO CREA NA
PROFECIA. NÃO HA QUEM
NÃO CREA QUE COM A
CHEGADA DO SOBERANO
A VIDA MUDARÁ, SE
TORNARÁ MELHOR.



ALELUIA! IRMÃOS,
HOJE COMEÇA O ANO
DO RETORNO! NÓS, OS FIEIS
DO SOBERANO, PREPARARE
MOS SUA CORTE, PORQUE
SEU RETORNO É CERTO.



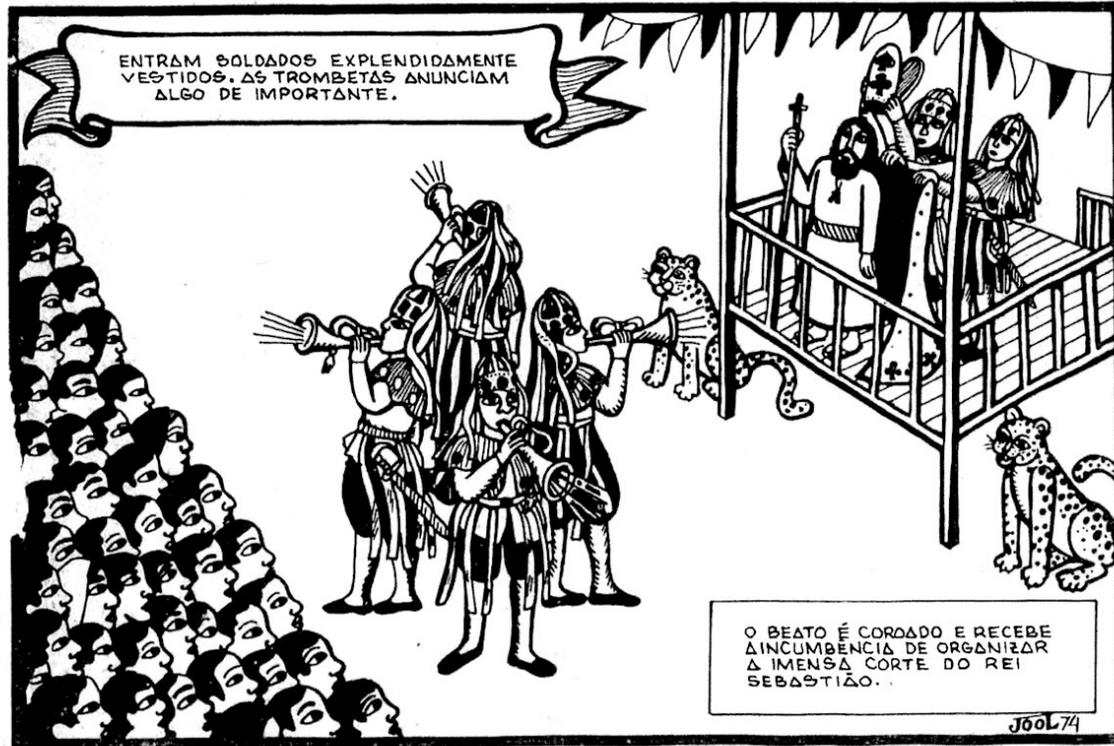
SÃO PASSEADOS
TRÊS SÉCULOS DO SEU
DESAPARECIMENTO E ASSIM
ESTÁ ESCRITO: "O SEU REI-
NO RECONQUISTARÁ TODO O
EXPLENDOR DEPOIS DE TRE-
ZENTOS ANOS".



EM VERDADE LHEG
DIGO: QUANDO AS NAÇÕES
COMBATETEREM-SE ENTRE SI,
DON SEBASTIÃO RETORNARÁ
DO CEU COM SEU EXÉRCITO
E OS INIMIGOS DO POVO
SERÃO EXTERMINADOS.



ACONTECERÁ MUITA COISA
NOVA SOBRE A TERRA, OS PODE-
RÕES SERÃO ESGAGADOS E O ES-
PIRITO DO SENHOR DOMINARÁ O MUN-
DO. ACABARÁ A FOME, ACABARÁ O SO-
FRIMENTO. O POVO FIEL TERÁ SUA
REDEÇÃO. VERA INSTALADA NO
CAMPO A CORTE CELESTIAL. SERÁ
O MOMENTO DO
REINO DIVINO!

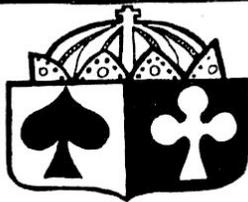


DESFILE A GUARDA DE HONRA. DESFRALDADA AO VENTO A BANDEIRA COM OS DOIS SÍMBOLOS QUE REPRESENTAM A UNIÃO DA REALEZA E DO POVO. O POVO APLAUDE COM INTENSIDADE.



ALEGRAI-VOS IRMÃOS! ESTE É O MAIOR RETORNO DA HISTÓRIA DO "SEBASTIANISMO": O REINO DIVINO NASCEU. ALELUIA! ALELUIA!





Reino Divino

EM CERTO DIA O POVO CELEBRA
COM MUITA ALEGRIA O NASCIMENTO
DO NOVO REINO.



OS CAPITÃES DA REGIÃO
VIZINHA SE INCLINAM
DIANTE DO MINISTRO DO
REI. O PRESTÍGIO DO NOVO
IMPERIO É RECONHECIDO
POR TODA A ZONA.



Jool74

ANOTÍCIA SE ESPALHA RÁPIDAMENTE. DOS
 DOS QUATRO PONTOS CARDEAIS CHEGAM
 OS NOVOS FIEIS. SEU NÚMERO CRESCE
 DIA A DIA, TORNAM-SE MILHARES.
 NASCE UMA NOVA MECA. TEM INÍCIO
 A CONSTRUÇÃO. EM PRIMEIRO
 LUGAR UM TEMPLO, DEPOIS UMA
 CIDADE. É A NOVA
 JERUSALEM.

O BEATO SE REVELA
 UM LÍDER EXTRAOR-
 DINÁRIO. OCUPA-SE
 PESSOALMENTE DA
 CONSTRUÇÃO DO TEMPLO,
 CENTRO PRIN-
 CIPAL DA NOVA
 CORTE.



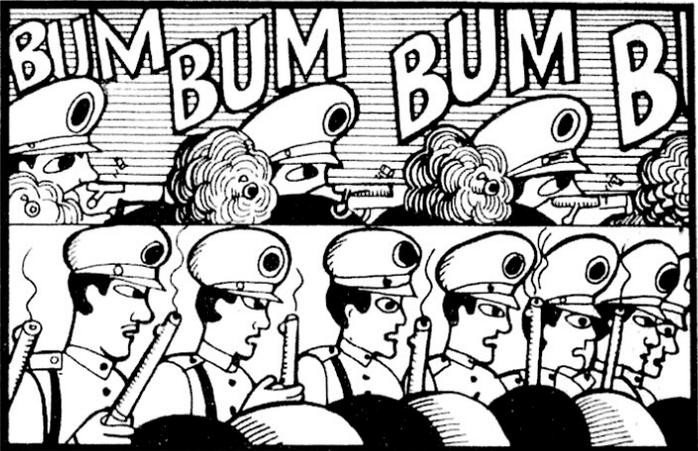
EM POUCOS MESES SUR-
 GE SOBRE A COLINA UMA
 GRANDE IGREJA, SIM-
 BOLO DA FÉ DA RUDE
 ALMA DAQUELE TERRI-
 TÓRIO. DA INAUGU-
 RAÇÃO DO TEMPLO
 PARTICIPA UMA GRANDE
 MULTIDÃO. NINGUÉM FALTA.

VIVA CRISTO REI!



NAQUELE MESMO DIA, NÃO MUITO
LONGE DA CIDADE SANTA, ACONTECE
QUALQUER COISA.

Toc - Toc





A POLÍCIA É MASSACRADA. LÂMPIÃO E SUA GENTE TORNA-SE AGORA MAIS FAMOSA ENTRE OS NORDESTINOS. ELE É ADMIRADO PELO POVO.





O FAMOSO
 FORA-DA-LEI
 ERA AMADO
 POR MUITOS
 E ODIADO POR
 POUCOS. OS
 POBRES VIAM
 NELE UM
 EXEMPLO DE
 CORAGEM E
 REVOLTA.

NAQUELA MESMA NOITE A CIDADE FESTEJA COM UM
 GRANDE BAILE A VISITA DO REI DOS CANGACEIROS.





MAS NA MANHÃ SEGUINTE MUITO CEDO ENQUANTO AS PESSOAS AINDA DORMEM LÂMPIÃO E SUA GENTE ABANDONAM A CIDADE EM SILÊNCIO.



PESSOAL VAMOS AGORA MESMO PARA A CIDADE SANTA. TENHO OUVIDO FALAR MUITO DAQUELE LUGAR. AS PESSOAS VÃO PARA LÁ EM PEREGRINAÇÃO. ESPERAM A VOLTA DO REI SEBASTIÃO. NÓS NOS FAREBEMOS PELO SEU MINISTRO.

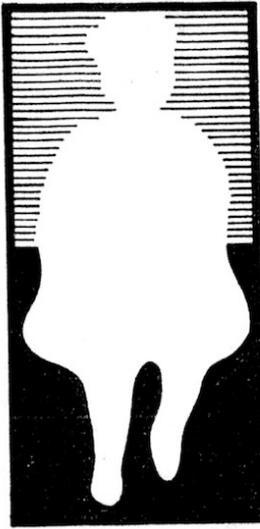
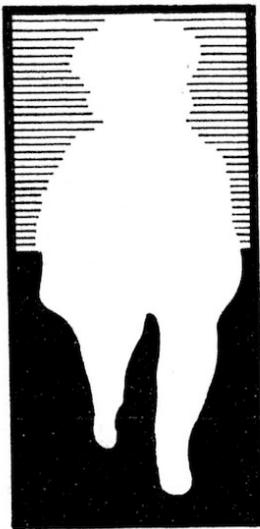
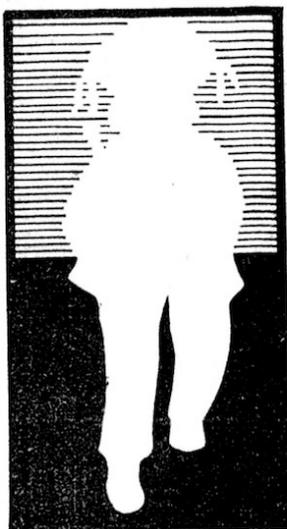


MEU DEUS! ACONTECEU QUALQUER COISA NA CIDADE SANTA É HORRIVEL!

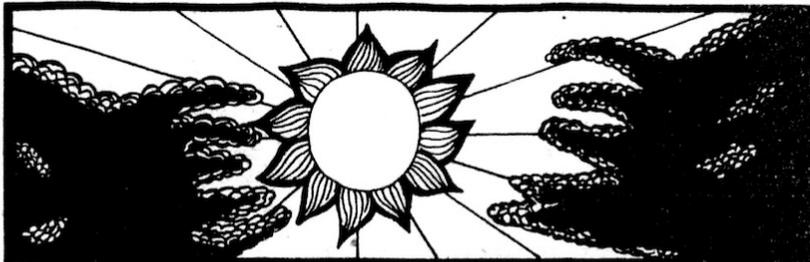


RÁPIDO HOMENS, RÁPIDO!





ESCU-TAI MAJES-TADE! EU CON-TAREI COMO O DES-ASTRE SE AB-ATEU SOB-RE NÓS



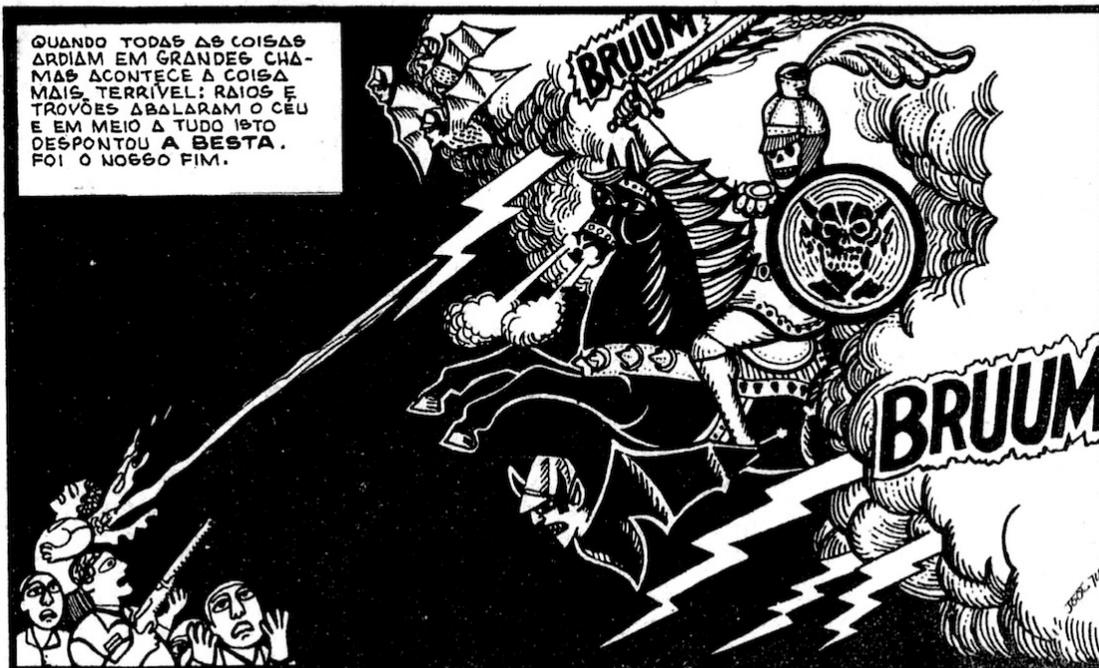
EM PLENO DIA O CÉU ESCURECEU



ENORMES BOLAS DE FOGO SE ABATERAM SOBRE NOSSAS CABEÇAS.



QUANDO TODAS AS COISAS ARDIAM EM GRANDES CHAMAS ACONTECE A COISA MAIS TERRÍVEL: RAIOS E TROVÕES ABALARAM O CÉU E EM MEIO A TUDO ISTO DESPONTOU A BESTA. FOI O NOSSO FIM.



O BEATO APENAS TERMINA DE CONTAR O QUE ACONTECEU E É LEVADO PELA MORTE. AO SEU REDOR SURGE UMA GRANDE MULTIDÃO.

DEUS ME CHAMA. AGORA O REI É DON SEBASTIÃO

VINGANÇA! GUERRA! VIVA O NOSSO REI!

GERA' A GUERRA! 'A GUERRA DO REINO DIVINO.

EMPUNHANDO A ESPADA O REI PARTE PARA A GUERRA. A GUERRA QUE O POVO VENCERA'.

VINGANÇA! MATEMOS OS, INFIEIS! O REINO DO POVO NASCEU!

1980.74



VENCEREMOS!
O NOSSO DEUS É
CAPITÃO!

O CAMINHO É LONGO. OUTROS
"SOLDADOS" VEM ENGROSSAR
A FILA DO EXÉRCITO DIVINO.
ATRÁS DA FIGURA MAJESTOSA
DO COMANDANTE AVANÇA UMA
MULTIDÃO.



A UM SINAL...

ATENÇÃO! O INIMI-
GO ESTÁ LÁ EMB&A
XO!

SOLDADOS!
O SANGUE DOS
INOCENTES
CLAMA POR
VINGANÇA

AVANTE!
AVANTE!

A VITÓRIA
SERÁ DO
POVO FIEL!



AVANTE!

“NAS OUTRA VEZ A NUVEM NEGRA
OMEÇA A ESCONDER O SOL.
JMA ESCURIDÃO TOTAL A TUDO
DOMINARA’.



A CATÁSTROFE
SE REPETE.
O CAMPO DE
BATALHA SE
ENCHE DE MORTOS
NÃO SE SABE DE
QUEM É A VITÓ-
RIA. E OUTRA
VEZ O CORPO DO
REI DESAPARECE.
ASSIM CONTINUA
A LENDA. NO
CORAÇÃO DO POVO
PERMÃNECE A
ESPERANÇA.

Sebastianismo no Nordeste Brasileiro

Lúcia Gaspar

Bibliotecária da Fundação Joaquim Nabuco
pesquisaescolar@fundaj.gov.br

O sebastianismo é um fenômeno secular, que muitas vezes é visto como uma seita ou elemento de credência popular. Teve sua origem na segunda metade do século XVI, surgindo da crença na volta de Dom Sebastião, rei de Portugal, que desapareceu na batalha de Alcácer-Quibir, na África, no dia 4 de agosto de 1578, enquanto comandava tropas portuguesas. Como ninguém o viu tombar ou morrer, espalhou-se a lenda de que El-Rei voltaria. Alimentado por lendas e mitos, sobreviveu no imaginário português até o século XVII.

O sebastianismo tem suas raízes na concepção religiosa do messianismo, que acredita na vinda ou no retorno de um enviado divino, o *messias*; um redentor, com capacidade para mudar a ordem das coisas e trazer paz, justiça e felicidade. É um movimento que traduz uma inconformidade com a situação política vigente e uma expectativa de salvação, ainda que miraculosa, através da ressurreição de um morto ilustre.

Chegou ao Brasil, principalmente ao Nordeste brasileiro, no século XIX. Unindo fanatismo religioso com idéias socialistas, o movimento se redescobriu no sertão nordestino, assumindo características próprias através de símbolos e do imaginário popular.

Alguns viajantes estrangeiros afirmam ter conhecido adeptos do sebastianismo, no Rio de Janeiro (1816) e em Minas Gerais (1817), descrevendo-as como pessoas educadas, cordatas e sem traços de crueldade aparente.

No sertão de Pernambuco, no entanto, o sebastianismo apresentou-se como um movimento político-religioso violento, com líderes fanáticos que ludibriavam a boa fé da população, principalmente dos mais humildes e menos informados, que sofriam bastante com o isolamento e os flagelos da seca.

Dois movimentos sebastianistas trágicos aconteceram em Pernambuco: o da Serra do Rodeador, no município de Bonito, em 1819-1820, e o da Serra Formosa, em São José do Belmonte, no período de 1836 a 1838.

O primeiro, conhecido como *A Tragédia do Rodeador*, tinha como líder Silvestre José dos Santos, "Mestre Quiou", que fundou um arraial no local denominado Sítio da Pedra, destruído em 25 de outubro de 1820 pelo governador de Pernambuco Luiz do Rego. Denominado de "massacre de Bonito", a destruição do arraial pelas forças legais deixou um saldo de 91 mortos e mais de cem feridos. Após o massacre, mais de 200 mulheres e 300 crianças foram aprisionadas e enviadas para o Recife.

O segundo movimento, *A Tragédia da Pedra Bonita*, ocorreu num lugar denominado Pedra Bonita, localizado na Serra Formosa, no



município de São José do Belmonte, sertão de Pernambuco. Um grupo de fanáticos sebastianistas, liderado por João Antônio dos Santos, fundou uma espécie de reino, com leis e costumes próprios e diferentes dos do resto do país. Seu líder era chamado de rei e usava até coroa feita de cipó. Nas suas pregações ele dizia que o rei Dom Sebastião lhe havia aparecido e lhe mostrara um tesouro escondido; e que o rei estaria prestes a retornar e iria transformar todos os seus seguidores em pessoas ricas, jovens, bonitas e saudáveis. O grande número de pessoas pouco esclarecidas que seguiu os fanáticos de Pedra Bonita preocupou o governo, os fazendeiros e a Igreja Católica. Foi enviado o padre Francisco José Correia de Albuquerque para tentar fazer as pessoas voltarem ao seu lugar. O padre conseguiu convencer João Antônio a parar com a pregação, mas este deixou em seu lugar o cunhado João Ferreira, que se tornou o mais fanático e cruel rei da Pedra Bonita. Ele pregava que Dom Sebastião só voltaria se a Pedra Bonita fosse banhada com sangue de pessoas e animais, comandando um grande massacre de pessoas inocentes em maio de 1838. Entre os dias 14 e 18 morreram 87 pessoas. No dia 18 de maio o arraial da Pedra Bonita foi destruído pelas forças comandadas pelo major Manoel Pereira da Silva.

O movimento político-religioso também foi muito forte e com resultados trágicos nos sertões da Bahia, no arraial de Canudos chefiado por Antônio Conselheiro, entre os anos de 1893 e 1897, que culminou com a Guerra de Canudos. Documentos encontrados no arraial indicam que Conselheiro e seus colaboradores acreditavam no retorno de Dom Sebastião, ou, pelos menos, usavam isso para obter apoio dos seus seguidores. No caso de Canudos, o sebastianismo pregava a volta de Dom Sabastião para restabelecer a monarquia e derrubar a República. Em 1897, o arraial de Canudos foi destruído por tropas do Exército.

O sentido místico-religioso do sebastianismo também contribuiu para o aparecimento de manifestações folclóricas no Brasil. Há registros de lendas sobre o retorno de Dom Sebastião, como as do Touro Encantado e a do Rei Sebastião.

Recife, 20 de novembro de 2006.

(Atualizado em 31 de agosto de 2009).



FONTES CONSULTADAS:

CARVALHO, Ernando Alves de. *Pedra do Reino: a tragédia que virou festa*. Recife: Ed. Do Autor, 2003. 155p.

OLIVEIRA, Simone Rosa de. "São José do Belmonte, de causo a história, o mito lusitano no imaginário popular do sertão nordestino". *Revista Symposium*, Recife, ano 9,n.2, p.60-70, jul./dez. 2005.



NE- Esse foi o quadro da H.Q., que me conectou com a atualidade da historia, ecoando um certo Capitão galgado ao posto máximo de nosso país, talvez pelo sonho atávico de um salvador da pátria, um Dom Sebastião, presente no imaginario português. Como o país foi descoberto e colonizado pelos portugueses....

E como reza o trecho final do artigo, o sentido místico-religioso do sebastianismo contribuiu, e creio, ainda contribui para o aparecimento de líderes políticos....muitos deles *fakes* (para usar um termo da moda)!

DOS CORDÉIS ÀS
GALERIAS E MUSEUSNELSON GOBBI
nelson.gobbi@epi.com.br

SESC

REFERÊNCIA DA XILOGRAVURA NO BRASIL, O PERNAMBUCANO J. BORGES, DÊ 86 ANOS, GANHA MOSTRA NO MAR, QUE INCLUI DEZ IMPRESSÕES INÉDITAS E SUAS MATRIZES EM MADEIRA

Técnica desenvolvida na China do século VI, a xilogravura (impressão feita a partir de uma matriz de madeira entalhada) ganhou expressão e representação iconográfica únicas na região Nordeste, sobretudo quando associada a outro pilar da cultura popular, a literatura de cordel. Desse universo, surgiu a obra de uma das principais referências da arte no país, José Francisco Borges, mais conhecido como J. Borges, de 86 anos. Dos cordéis vendidos nas feiras de Bezerros, cidade do agreste pernambucano onde nasceu e montou seu ateliê, no qual trabalha até hoje, o xilógrafo conquistou espaço em instituições e no mercado de arte contemporânea.

Foi inaugurada, recentemente, no Museu de Arte do Rio (MAR), a exposição "J. Borges — O mestre da xilogravura", um desdobramento da mostra comemorativa dos 80 anos do xilógrafo pernambucano, que circulou

pelas sedes da Caixa Cultural em Recife, Fortaleza, Salvador, Brasília e São Paulo, entre 2016 e 2019. Recriada para vir ao Rio, a seleção inclui dez matrizes inéditas e suas impressões, entre 54 obras.

— Havia a possibilidade de a mostra dos 80 anos ir ao Japão, mas a pandemia não permitiu. A obra de J. Borges há muito deixou de estar restrita aos espaços da arte popular, incluída em coleções de vários países — ressalta Ângelo Filizola, curador da mostra.

Além das gravuras e matrizes, a mostra traz uma seleção de cordéis assinados por J. Borges, estilo ao qual se dedica desde 1964, quando escreveu "O encontro de dois vaqueiros no Sertão de Petrolina". O primeiro livreto foi ilustrado por Mestre Dila (1937—2019), outra referência da xilogravura pernambucana. A partir de então, J. Borges passou a entalhar a madeira para fazer as próprias ilustrações. Há mais de cinco décadas, a técnica é a mesma, com os desenhos feitos direto na madeira, sem esboço, o que o obriga a criar as imagens "invertidas", para que a impressão seja espelhada de maneira correta.

— Na época em que começou com as xilos, ele já tinha uma tipografia para os cordéis, então já estava acostumado a montar as palavras com os tipos móveis ao contrário. Não foi uma dificuldade para ele pensar as imagens e palavras invertidas na madeira — conta Pablo Borges, um dos 18 filhos do octogenário e um dos quatro que trabalham diretamente com o pai no ateliê. — Ele fica no ateliê de segunda a sábado, agora mais para fazer os desenhos e trabalhando sob encomenda. A parte mais pesada fica com os filhos e genros.

Onde: Museu de Arte do Rio — MAR

Praça Mauá 5, Centro (3031-2741).

Quando: Qui a dom, das 11h às 18h.

Até 31/3. **Quanto:** R\$ 20.

Classificação: Livre.

Convalescente em casa por conta de uma gripe, J. Borges está com dificuldades para respirar e não pôde falar com o GLOBO. Pablo diz que o pai está feliz pela exposição finalmente chegar ao Rio, cidade onde tinha muitos amigos e colecionadores.

CONTADOR DE HISTÓRIAS

Autora do livro "J. Borges — Entre fábulas e astúcia", publicado pela editora Cepe em 2020, a pesquisadora e jornalista Maria Alice Amorim conheceu o xilógrafo nos anos 1980. Para ela, o artista criou uma assinatura que vai além da identidade regional:

— Assim como outros mestres, J. Borges trabalha com este imaginário que vem da vida no sertão, do cangaço, dos mitos. Mas ele manteve a mesma força poética dos cordéis em suas xilogravuras. Ele é um grande contador de histórias, e sintetiza várias situações numa única imagem. Seus traços criam movimentos, nada é estático.

NA PÁG. 2, FAMILIA LEVA À FRENTE A TRADIÇÃO



FAMÍLIA LEVA À FRENTE A TRADIÇÃO



PABLO BORGES, UM DOS 18 FILHOS DO XILÓGRAFO, CONTA QUE A MADEIRA USADA NAS MATRIZES, A UMBURANA, FICOU MAIS RARA E É DISPUTADA POR ESCULTORES



Autoral.
J. Borges assina uma de suas xilogravuras: produção valorizada



Maria Alice Amorim destaca que nomes da geração de J. Borges, como Mestre Dila, Gilvan Samico (1928-2013) e José Costa Leite, ampliaram o alcance da xilografia, conquistando espaço em galerias e coleções fora do país.

O ato de assinar as obras e a criação de séries numeradas também ajudou a tirar a técnica do espaço convencional chamado de arte popular, fazendo com que as impressões alcançassem cifras maiores. A valorização da produção também se reflete nas encomendas do mercado editorial. Sem nunca abandonar os cordéis, J. Borges ilustrou obras como "As palavras andantes", do uruguaio Eduardo Galeano, e o conto "O lagarto", do português José Saramago, publicado pela Companhia das Letras em 2016.

— Quando se fala em "arte popular" vem junto uma série de estigmas. Isso vem sendo revisto, e foi possível ver melhor a qualidade desta produção, com os xilógrafos dominando também códigos da arte contemporânea — observa Maria Alice. — O J. Borges nunca se fechou ao novo, isso o ajudou a se manter em evidência.

O equilíbrio entre a tradição e a inovação é justamente a chave para a produção dos filhos que levam o legado de J. Borges à frente no ateliê de Bezerras, como Pablo, Ivan, J. Miguel e Bacaro.

— Nosso pai sempre falou que tudo o que ele aprendeu foi para ensinar — diz Pablo, de 27 anos. — A gente cresceu no ateliê, era quase impossível não seguir esse caminho.

Como toda a produção é artesanal, do entalhe à impressão, muitas vezes é difícil atender à demanda de colecionadores e marchands, diz Pablo. Outro fator limitante é a madeira necessária para as matrizes, que está mais escassa:

— Geralmente se usa a umburana, que é macia para entalhar, não empina e não dá "bicho". Hoje em dia ela está mais rara, se encontra mais no alto sertão [de Pernambuco], mas os escultores também usam muito, é bem disputada. Outra madeira que usamos é o louro-canela, mas com o aumento das queimadas também ficou mais difícil de comprar. (Nelson Gobbi)



JÔ OLIVEIRA

O menino de Itamaracá

D. Sebastião volta aos sertões, em quadrinhos

Album de Jô Oliveira põe rei português contracenando com Lampião

Dom Sebastião, el-rei que tomou sumiço na sangrenta batalha de Alcácer-Quibir, em 1578, nas terras do Marrocos, está de volta, com todos os enfeites e símbolos da heráldica, para tomar conta de um utópico arraial nos sertões.

A descida do venturoso está no álbum "A Guerra do Reino Divino", a HQ de Jô Oliveira, 57, desenhista paraibano que mora em Brasília, onde, entre outras artes, bola selos para os Correios.

No mundo dos beatos e cangaiceiros, dom Sebastião promove, com a possibilidade do eterno retorno, a "nova Meca", lugar de fartura, abrigo e sombra das almas penadas do semi-árido.

O reino da bonança não vive só de trabalho e orações, tem também, nos seus arredores, bailes animados por Lampião. "Agora basta de tiros! Vamos nos divertir um pouco. Há dias que não arrastamos os pés", conclama o valente, antes do forró pesado.

Mas não pensem que rei do cangaço é calouro em HQ. A editora Hedra, a mesma que lança o álbum de Jô Oliveira, publicou "Lampião - Era o Cavalheiro do Tempo Atrás da Besta da Vida", do cearense Klévisson, repórter-cordelista (leia texto ao lado).

O italiano Hugo Pratt também pôs o seu bravo Corto Maltese, estrangeiro na terra em que também se mata por conta do sol na vista, na caatinga com Lampião. A aventura se chama "Samba com Ilro Certoiro" — daí Chico Science & Nação Zumbi samplearam o título da música "Maracatu de Ilro Certoiro".

Voltemos com dom Sebastião. Em carne e osso, embora pareça uma visagem aos olhos incandescentes dos sertanejos, "Ele" surge para enfrentar a besta-fera e todas as danças que aperreiam o juízo do povo das margens.

El-rei comanda o exército divino, mas, como nos arraiais outros, a besta-fera, com trajes republicanos e balas modernas, faz um estrago nas carcaças dos penitentes. Dom Sebastião perde mais uma e some do mapa.

A segunda história do álbum segue a mesma saga sebastianista: "O Massacre da Pedra Encantada". Tem sotaque mais didático, para apresentar a geografia da fôrme, mas larga a trilha mitológica de lampiões justiceiros, belzebus que alugam almas a preço de um pote d'água e outras imagens que ajudaram a inventar o que tomamos como Nordeste.

O reino movido pela crença em dom Sebastião narrado por Jô Oliveira já existiu em muitas ocasiões. Na favela de Antonio Conselheiro, no Caldeirão de Santa Cruz do Deserto (encostas da chapada do Araripe), na irmandade do Bom Jesus da Pedra, n'A Pedra do Reino e outras Canudos.

Na Ilha dos Lençóis, Maranhão, perto das praias cujas areias serviram de cenário para aparição recente de personagem da novela "O Clone" — e merchandising do governo Roseana Sarney —, el-rei de Portugal toma forma de touro negro, com estrela na testa.

A GUERRA DO REINO DIVINO. De: Jô Oliveira. Editora: Hedra. 48 páginas. Preço não definido.



Página de "A Guerra do Reino Divino", do desenhista Jô Oliveira

segunda-feira, 28 de janeiro de 2002

XICO SA

ILUSTRADA

DA REPORTAGEM LOCAL

E3 LITERATURA

M.F.

S #05

26

Poranduba zine

ABRIL

1	2	3
4	5	6
7	8	9
10	11	12
13	14	15
16	17	18
19	20	21
22	23	24
25	26	27
28	29	30

Poranduba zine

ABRIL 2000

1	2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31	

Poranduba zine

ABRIL 2001

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Poranduba Express-Zine

Express-Zine 1

Walt Disney também se comissou discípulo do singular grafismo de Herriman

Nerinas não fez por menos quando ele, a geração beat foi influenciada por Herriman

Umberto Eco acredita que o sucesso de Krazy Kat junto a sucessos de outros quadrinhos é a ausência de gênero, violência e sexo.

Poranduba Express-Zine

Express-Zine 2

Poranduba 01 - Abril 1999 - HQs de Nilson, Luciano Irrthum, Nani, Flavio Colin, Luiz Sá.

Poranduba 02 - Abril 2000 - HQs de Nilson, Bira, Nani, Coentro, Gomez, Bicalho, Jayme Leão. Poema de Paulo Leminski.

Poranduba 03 - Abril 2001 - HQs de Andre Toral, Cerito, Alecrim, Iramir, Jô Oliveira

Poranduba Express 01 - Série Nacional e Popular, de Maracy & Smirkoff & Tony **FEV/2018**

Poranduba Express 02 - Série Grandes Personagens de Nossa História, de Luiz Stein e Marcelo Tass. **FEV/2018**

HISTORICO

Poranduba 01 - Abril 1999 - HQs de Nilson, Luciano Irrthum, Nani, Flavio Colin, Luiz Sá.

Poranduba 02 - Abril 2000 - HQs de Nilson, Bira, Nani, Coentro, Gomez, Bicalho, Jayme Leão. Poema de Paulo Leminski.

Poranduba 03 - Abril 2001 - HQs de Andre Toral, Cerito, Alecrim, Iramir, Jô Oliveira

Poranduba Express 01 - Série Nacional e Popular, de Maracy & Smirkoff & Tony **FEV/2018**

Poranduba Express 02 - Série Grandes Personagens de Nossa História, de Luiz Stein e Marcelo Tass. **FEV/2018**

Poranduba Express-Zine

Express-Zine 3

transcendem a banalidade, e cuja estrutura lembra mais uma pauta musical do que uma tira de quadrinhos.

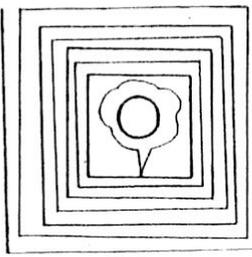
Walt Disney também se comissou discípulo do singular grafismo de Herriman

Nerinas não fez por menos quando ele, a geração beat foi influenciada por Herriman

Umberto Eco acredita que o sucesso de Krazy Kat junto a sucessos de outros quadrinhos é a ausência de gênero, violência e sexo.

LEIA ZINES, FAÇA ZINES, CULTIVE AMIZADES, REVOLUCIONEII

Fanzine-SE OU SERÁ Fanzinado!



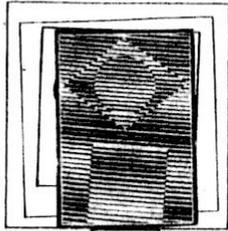
poeta escrevendo



cortando a xão



COMPOSIÇÃO



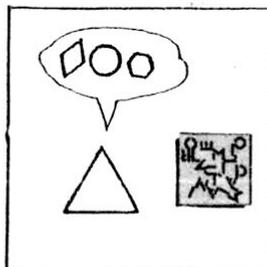
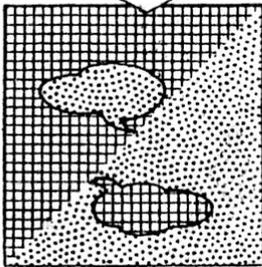
pegando papel



Preparando a cola



vendedor no lira



vendedor na feira

